

HISTÓRIAS DE VIDA COMO UM CAMINHO METODOLÓGICO EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Renato Koch Colomby (UFRGS) - renato.colomby@gmail.com

Amanda da Luz Peres (UFRGS) - amandaperesz@hotmail.com

Fernanda Tarabal Lopes (UFRGS) - fernandatarabal@gmail.com

Silvia Generali Costa (UFRGS/EA/PPGA) - sgeneralicosta@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o uso das Histórias de Vida como caminho metodológico nos Estudos Organizacionais, compreender como esse recurso tem sido utilizado, bem como suas possibilidades em pesquisas da área. Para essa discussão específica, realizamos um estudo bibliométrico da produção sobre o tema nos principais periódicos e congressos nacionais publicados no período de 2008 a 2015. Destaca-se a História de Vida como um método que não se relaciona apenas à historicidade, mas como possível agente de transformação social para a realidade brasileira. Conclui-se que ainda pouco se utiliza deste caminho metodológico e que confusões são feitas em trabalhos que fazem uso do método. Sugere-se a continuidade de estudos sobre o tema com o intuito de esclarecer e potencializar a História de Vida e suas possibilidades nas pesquisas relacionadas aos Estudos Organizacionais.

Palavras-chave: *História de Vida, Historicidade, Estudos Organizacionais, Método, Estudo Bibliométrico.*

Área temática: *GT-11 Práticas, Contribuições e Desafios da Pesquisa Histórica em Estudos Organizacionais*

HISTÓRIAS DE VIDA COMO UM CAMINHO METODOLÓGICO EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o uso das Histórias de Vida como caminho metodológico nos Estudos Organizacionais, compreender como esse recurso tem sido utilizado, bem como suas possibilidades em pesquisas da área. Para essa discussão específica, realizamos um estudo bibliométrico da produção sobre o tema nos principais periódicos e congressos nacionais publicados no período de 2008 a 2015. Destaca-se a História de Vida como um método que não se relaciona apenas à historicidade, mas como possível agente de transformação social para a realidade brasileira. Conclui-se que ainda pouco se utiliza deste caminho metodológico e que confusões são feitas em trabalhos que fazem uso do método. Sugere-se a continuidade de estudos sobre o tema com o intuito de esclarecer e potencializar a História de Vida e suas possibilidades nas pesquisas relacionadas aos Estudos Organizacionais.

Palavras-Chave: História de Vida, Historicidade, Estudos Organizacionais, Método, Estudo Bibliométrico.

1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo debater sobre o uso das Histórias de Vida nos Estudos Organizacionais, bem como compreender como o método tem sido utilizado e suas possibilidades nas pesquisas da área. Esse estudo advém de nosso empenho em aprofundar e amadurecer a discussão sobre História de Vida, tratam-se de esforços iniciais em um caminho que intentamos continuar. Assim, nesse trabalho, apresentamos os resultados da pesquisa bibliométrica realizada nos principais anais e periódicos da Administração, considerando os textos publicados nos últimos 12 anos. Nossa intenção foi traçar um panorama de como o método tem sido utilizado na área, com que frequência e em que tipo de estudos.

Consideramos a metodologia de História de Vida algo fascinante. Para além de nossa admiração, percebemos também, em observações iniciais, que esse caminho metodológico é ainda pouco explorado e, por vezes, mal compreendido em suas diversas possibilidades. História de vida, mais do que uma metodologia, consiste em uma forma de perceber a pesquisa e em um papel diferenciado do pesquisador.

Nessa discussão, destacamos nosso posicionamento segundo uma **perspectiva reflexiva sobre o conhecimento** – conhecimento que não é dado *a priori*, mas construído ao longo do processo de investigação. Nesse caminho, busca-se a aproximação da organização complexa da realidade, tentando superar a ilusão de validade ou a legitimidade de um conhecimento por sua correspondência linear com dados factíveis, o que resultaria em fragmentação e simplificação da realidade social (GONZÁLEZ REY, 2005).

Intenta-se a construção do conhecimento por meio do “**contar sua história**”, modo pelo qual se busca compreender a perspectiva do sujeito sobre si e os fatos sociais, com base em sua própria capacidade de análise. Além disso, a partir das histórias de vida, objetiva-se compreender a realidade sócio-histórica na qual se inserem os sujeitos, buscando demonstrar como estes, ao mesmo tempo em que a modificam, são modificados por ela, bem como compreender como as questões universais aparecem nas práticas individuais, e vice-versa.

Neste cenário, para a compreensão da (re)construção de histórias de vida, o analista/pesquisador atua como um intérprete que “coloca à prova a sua pré-compreensão hermenêutica junto ao texto e a corrige até que dois ‘horizontes se fundem’”. Os horizontes fundidos, entre aquele que conta e o analista/pesquisador, edificam-se em experiências intersubjetivas, construídas a partir da subjetividade de cada um.

O (re)contar a história de vida funda-se no que Habermas define como **experiência da reflexão**, que remete para a dialética entre o conhecimento do mundo e o autoconhecimento. Na psicanálise, a história de vida individual se apresenta como o caminho para a experiência da reflexão, na medida em que possibilita que o sujeito atribua sentidos a seus próprios dramas e, então, aprenda sobre o mundo. “Em um processo de formação nós só aprendemos sobre o mundo aquilo que experimentamos ao mesmo tempo em nós mesmo como sujeitos que aprendem” (HABERMAS, 2009, p. 285). A experiência da reflexão é um processo que só ocorre por meio da própria reflexão do sujeito sobre si: “[...] o sujeito também precisa contar a sua própria história; pois o estado final de um processo de formação não é alcançado antes que o sujeito se lembre dos caminhos de identificação e alienações, nos quais ele se constituiu”. Uma investigação, assim, funda-se numa perspectiva de ciência que, segundo Habermas, não tem por metas teorias gerais no sentido das ciências experimentais rigorosas, mas sim um sentido interpretativo geral (ao exemplo da Psicologia), que tem por metas a reflexão e o esclarecimento quanto ao próprio processo de formação: **um interesse cognitivo emancipatório**.

Com base nesse posicionamento, o presente artigo objetivou analisar o uso das Histórias de Vida enquanto caminho metodológico nos Estudos Organizacionais e assim compreender como tem ocorrido as pesquisas nessa temática na área, e assim dar prosseguimento à discussão.

Nessa proposta, o artigo se divide em quatro seções. Além da presente introdução, a próxima seção abordada a revisão da literatura, contando a história da História de Vida. A seguir, na seção intitulada procedimentos metodológicos, se explicará como o artigo foi desenvolvido. Posteriormente, buscou-se compilar as análises realizadas e incentivar reflexões acerca de resultados encontrados até o momento. Não espera-se encerrar ou limitar as análises neste capítulo, mas suscitar novos olhares para os possíveis encontros entre a História de Vida e os Estudos Organizacionais. Finalmente, abriu-se espaço para as considerações que encerram esta primeira etapa de investigação.

2 Contando a história da História de Vida

No período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, as pesquisas de caráter quantitativo tornaram-se cada vez mais dominantes. Foi através dos trabalhos de Ferrotti e Bertaux, na Itália e França, respectivamente, que as pesquisas qualitativas, por meio do recolhimento de História de Vida, reconquistaram seu espaço (BARROS; LOPES, 2014). A História de Vida remete aos clássicos da Escola de Chicago (EUA) e cada vez destaca-se no cenário científico atual, entre outros fatores, por sua essência interventiva (ARAÚJO; NOGUEIRA; BARROS, 2010). É pela influência da Escola de Chicago, no início do século XX, que os relatos biográficos passaram a assumir status de material de pesquisa sociológica.

A partir da década de 1970, iniciou-se uma utilização mais ampla do método, na qual as histórias de vida passaram a considerar não apenas os indivíduos, mas também a análise sociológica de grupos. (LOPES; PAES DE PAULA, 2016). A experiência histórica do grupo passa então a ser compreendida por meio das histórias singulares, observando, conforme aponta Marre (1991), uma ruptura, ao passar de uma leitura tradicional, ilustrativa ou realista das histórias de vida, para a captação e compreensão multidisciplinar e mais profunda da história do grupo (MARRE, 1991). Nas histórias de vida, além da história individual, conta-se sobre a história de uma época, grupo ou povo (FEAGIN, ORUM e SJOBERG 1991; PAULILO, 1999).

O uso do método biográfico na pesquisa científica é amplo e perpassa diversas áreas do conhecimento. Nas últimas décadas, muitas pesquisas foram produzidas a partir dos ditos métodos biográficos. Sendo assim, é possível encontrar diversas nomenclaturas para esses recursos metodológicos, espalhados nas mais diversas áreas do conhecimento. As diferenças entre, por exemplo, a autobiografia, a biografia, as narrativas biográficas, as narrativas pessoais, as trajetórias e a história oral, assim como seus usos em disciplinas como na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia, na História, na Medicina, na Ciência Política e na literatura se darão na finalidade e nos modos de coleta (QUEIROZ, 1988; HATCH; WISNIEWSKI, 1995; SOARES, 2010; SILVA *et al.*, 2007; BARROS; LOPES, 2014).

É ainda importante diferenciar a abordagem de história de vida de outros modos de trabalho com dados biográficos, como as entrevistas temáticas e as entrevistas de trajetórias de vida (NEVES, 2001). A história de vida constitui-se em depoimentos aprofundados em que se busca reconstituir por meio do diálogo a história do sujeito desde sua infância até os dias atuais. As entrevistas temáticas focam experiências ou processos específicos ou podem constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida. As trajetórias de vida consideram depoimentos de história mais sucintos e menos detalhados.

Dentre as muitas modalidades do uso de dados biográficos, destaca-se a história de vida na perspectiva da Psicossociologia e da Sociologia Clínica, em que a história de vida se apresenta como material privilegiado de pesquisa, enquanto material primário, e não de segunda categoria. Nesta perspectiva, a pesquisa em história de vida se abre como uma nova fase de pesquisa em ciências sociais, na qual o método não se coloca “como conjunto de elementos ilustrativos do que já é conhecido, apêndice facultativo sob a forma qualitativa de resultados adquiridos por meio das técnicas de standardização de medidas exatas” (FERRAROTI, 1990).

É também na vertente da Psicossociologia e da Sociologia Clínica que se dá a análise e compreensão da “personalidade biográfica”, que se relaciona ao modo como os indivíduos são autores de sua própria biografia, sendo ao mesmo tempo transformadores das condições sócio-históricas que a regem (BARROS; MIRANDA, *em vias de publicação*). Esse olhar, que é, em geral, carente nas outras disciplinas, constitui uma grande contribuição ao se considerar as histórias de vida como pesquisa.

Através da interação do pesquisado e do pesquisador, também chamado biógrafo social, materializa-se o registro e análise da vida das pessoas e assim o caminho metodológico chamado de História de Vida vai tomando forma.

Atendo-se às características e complexidades da história de vida, na qual, segundo Silva *et al.* (2007), há produção de sentido tanto para o pesquisador quanto para o sujeito, há uma preocupação com o vínculo entre pesquisador e pesquisado, a história é contada da maneira própria do sujeito e procura-se uma ligação entre o individual e o social. Segundo Barros e Lopes (2014), as histórias de vida permitem o acesso “pelo interior” a uma realidade que perpassa o narrador e o transforma, por

consequente, uma fonte rica na compreensão do individual e do social. Desta forma, através da questão inicial “conte-me a sua história”, a história de vida pode ser definida como uma expressão individual acerca de sua existência através do tempo e da memória em que são reconstituídas vivências e transmitidas experiências que auxiliam na compreensão social.

3 Procedimentos metodológicos

Com base na descrição metodológica proposta por Vergara (1998), a presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica do tipo exploratória e descritiva. Em consonância com o objetivo geral deste estudo realizou-se um levantamento das produções científicas publicadas em âmbito nacional nos principais eventos e periódicos da área da administração, tais como o EnANPAD - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, ENEO - Estudos Organizacionais, CBEO – Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, RAM - Revista. Administração Mackenzie, RAC – Revista de Administração Contemporânea, O&S - Revista Organizações & Sociedade, RAE – Revista de Administração de Empresas, RAUSP - Revista de Administração da Universidade de São Paulo e a RAP - Revista de Administração Pública.

O período de tempo pesquisado foi do ano de 2004 ao ano de 2015, chegando-se a um número total de 46 publicações. As palavras-chaves pesquisadas foram história, história de vida e história oral. Do resultado da pesquisa com as palavras-chaves foram selecionados somente os artigos em que constasse a utilização do método de História de Vida, podendo o mesmo estar sendo utilizado de forma complementar, apenas um dos casos, ou como método único e principal como foi encontrado na maioria dos artigos. Também foram considerados os artigos que utilizaram o método de História Oral, pois constatou-se que os autores que utilizavam este método referiam-se a ele como um tipo de História de Vida, alguns denominavam de história oral de vida. Após os artigos que se referiam somente à metodologia de História de Vida terem sido selecionados passou-se à leitura de cada artigo buscando extrair indicadores e também informações acerca de seu conteúdo.

As variáveis de apreciação deste estudo, de origem quantitativa e qualitativa, são as seguintes: (1) número total de publicações, (1.1) número de publicações por fonte, (1.2) número de publicação por período; (2) quantidade de participantes por pesquisa; (2.1) perfil dos participantes ou dos grupos participantes das pesquisas; (3) técnicas de coleta; (4) estratégias de análise (5) temas abordados. A seguir, estas variáveis são apresentadas e analisadas.

4 Análise dos dados e resultados

Este trabalho objetiva identificar o panorama acadêmico acerca da História de Vida como caminho metodológico nos estudos organizacionais no Brasil e para isso realizou uma análise bibliográfica sistemática da produção sobre o tema nos principais periódicos e congressos nacionais publicados no período de 2004 a 2015, conforme **Tabela 1**. Atendiam a este quesito de análise 46 publicações, das quais 33 correspondem a publicações em eventos e 11 publicações em periódicos.

Tabela 1. Descrição de publicações nacionais consideradas.

Congressos Analisados
EnANPAD - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
ENEO - Estudos Organizacionais
CBE0 – Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais
EnGPR - Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
Periódicos Analisados
RAM - Revista. Administração Mackenzie
RAC – Revista de Administração Contemporânea
O&S - Revista Organizações & Sociedade
RAE – Revista de Administração de Empresas
RAUSP - Revista de Administração da Universidade de São Paulo
RAP - Revista de Administração Pública

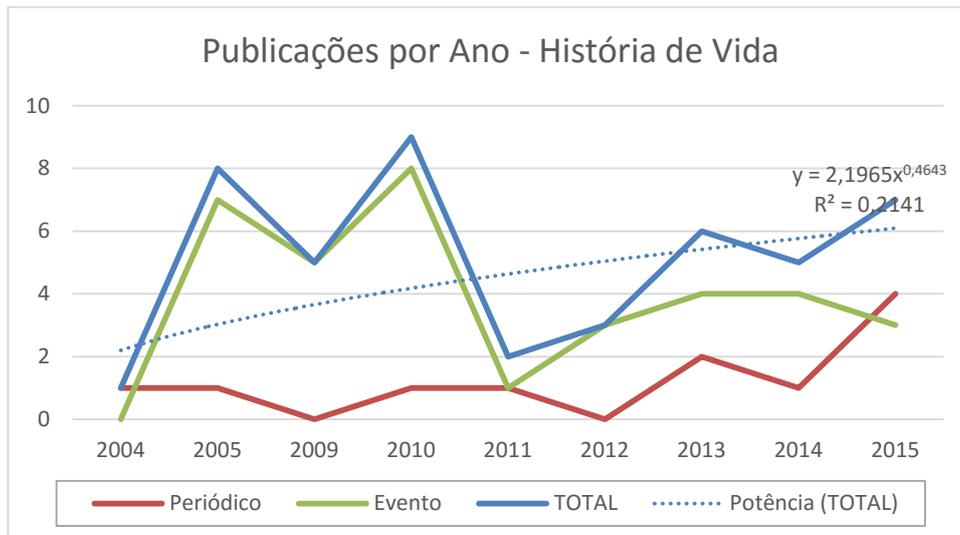
Fonte: elaborado pelos autores.

Do total de 06 periódicos, a revista que teve maior publicação utilizando a História de Vida foi a O&S com seis publicações. A RAE teve quatro publicações e a RAC apenas um artigo dentro destes critérios. As revistas RAE, RAUSP e RAP não publicaram nenhum artigo fazendo uso deste método. Percebe-se que esse caminho metodológico ainda é pouco explorado nas publicações dos principais periódicos nacionais de Administração do país.

Quanto aos congressos o cenário é mais otimista. O EnANPAD, considerado o maior evento da comunidade científica e acadêmica de administração no país, teve, em termos quantitativos e de amplitude de pesquisas, uma fonte relevante de publicações acerca do tema e utilizando os métodos relativos a História de Vida. Sendo assim, no período analisado foram 16 artigos apresentados. Além deste evento, o ENEO também teve destaque pois apresentou 14 artigos relacionados a este caminho metodológico. E o CBE0, nos anos de 2013 e 2015, apresentou três artigos utilizando estratégias de pesquisa relacionadas com a História de Vida como a História Oral, a Trajetória e o Testemunho.

Em 2010, ano em que se percebe uma alta nas publicações sobre o tema, com o marco de nove artigos publicados no Brasil. Se somados aos cinco artigos do ano anterior, temos no período de 2009-2010 a concentração de 32% dos artigos publicados nos 12 anos analisados. A **Figura 1** ainda evidencia um baixo interesse pelo tema, considerando a curva de tendência com R^2 (coeficiente de determinação) igual a 0,21, ou seja, indicando em 21% a tendência de baixa deste tema para os próximos anos. É importante salientar a alta de publicações utilizando este caminho metodológico nos anos 2005 e 2010, assim como uma possível estabilidade de publicações levando em consideração os anos de 2013 e 2015 com seis artigos cada ano e 2015 com sete artigos. Os anos de 2006, 2007 e 2008 – que não tiveram nenhuma publicação e merecem ser mais bem analisados para avaliar se representa efetivamente desinteresse na academia nacional pelo método e assunto, ou se foi apenas uma baixa sazonal.

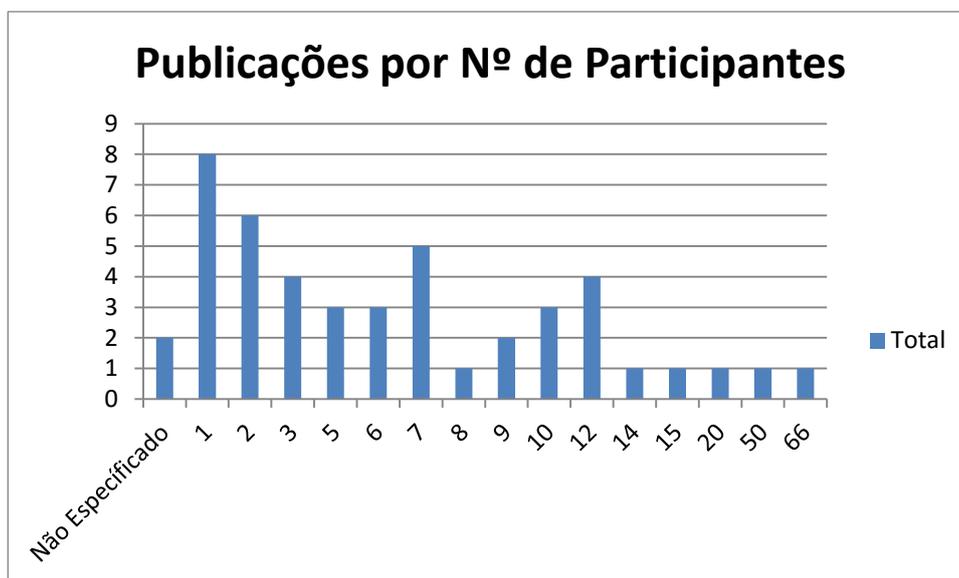
Figura 1. Publicações por Ano com História de Vida.



Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se que não há um número padrão de participantes em cada pesquisa. Há artigos que focam na história de apenas um sujeito, enquanto outros contam com a participação de até 66 sujeitos, evidenciando desta forma uma grande amplitude no número de participantes, como se pode verificar na **Figura 2**. No gráfico a seguir, o eixo vertical informa o número de artigos e o eixo horizontal o número de participantes.

Figura 2. Publicações e Número de Participantes



Fonte: elaborado pelos autores.

A média de participantes nas pesquisas é de 8,04. Destaca-se que muitas das pesquisas, principalmente, as com maior número de participantes tratam-se de entrevistas semi-estruturadas e número de encontros reduzido ou não informado. Pôde-se também constatar que o número de sujeitos participantes dá diferentes tonalidades às

pesquisas, sendo as realizadas com um número menor de participantes mais focadas nas histórias individuais, que são diversas e singulares, mas que também dizem de um contexto social no qual o sujeito está inserido. Já as pesquisas que possuem um número maior de participantes buscam similitudes entre as diversas narrativas de modo a explorar, descrever e explicar o fenômeno social em questão.

Os artigos retratam diferentes perfis e grupos de participantes, no entanto, em sua maioria, apresentam em comum o estudo de sujeitos e grupos considerados minoritários ou fora do *mainstream* dos estudos organizacionais, evidenciando desta forma a busca por outros campos, organizações e grupos de estudo também com um propósito crítico, político e social.

Os sujeitos e grupos estão relacionados às questões de gênero, de orientação sexual, de raça, de classe social, profissões consideradas *outsiders*¹, grupos de idosos, movimentos sociais, mulheres, etc. Desta forma, os sujeitos e grupos considerados nos artigos foram os seguintes: idosos, negros, profissionais do sexo, desempregados, empregadas domésticas, gestores e executivos, professoras-gestoras, cozinheiras (os), mulheres empreendedoras, garçons, policiais, pequenos produtores rurais, integrantes de movimentos de *Hip-Hop*, organizações familiares, travestis, transexuais, homossexuais, imigrantes, trabalhadores noturnos, trabalhadores ligados a cultura popular e artesanato, comerciantes tropeiros, indígena, aposentados e consumidores de modo geral.

Sobre o instrumento de coleta de dados, a maioria dos artigos (43) utilizaram como técnica de coleta a entrevista, com exceção das pesquisas que realizaram uma revisão da literatura ou se utilizaram de dados secundários (3). As denominações variam em entrevistas abertas, não estruturada, semi-estruturada e em profundidade. Constata-se deste modo que em todas as pesquisas há o predomínio do estilo aberto e flexível de entrevista. Cabe apontar que alguns estudos utilizaram outras técnicas de forma complementar tais como a observação, pesquisa em registros documentais, audiovisuais e fotográficos.

As estratégias de análise são mais variadas. A mais utilizada é a Análise de Conteúdo (13), seguida da Análise do Discurso (12), a análise Interpretativa (6), e apenas um (01) artigo utilizou a análise narrativa. As demais pesquisas (14) não descreveram em seu texto a estratégia de análise utilizada.

Os temas foram abordados de forma abrangente, pois evidencia-se que de um tema central a história de vida abre um leque de discussões derivadas desse tema, mostrando a complexidade dos fenômenos sociais. Os temas principais mais tratados foram sobre trabalho, identidade, gênero, aprendizagem e carreira. Sobre o tema trabalho evidenciaram-se as questões sobre o contexto do trabalho, as questões sociais e de gênero envolvidas, diversidade no trabalho, a centralidade do trabalho e seus sentidos e significados, violência moral no trabalho, trabalho e subjetividade, assim como prazer e sofrimento no trabalho.

Os artigos que trataram sobre identidade concentraram-se na formação e construção da identidade de diferentes grupos sociais e de profissões. Morais e Paula (2008) investigaram a formação da identidade profissionais de policiais de determinada organização policial do Estado de Minas Gerais. O método descrito como “história oral, com foco na história de vida” foi utilizado buscando compreender como e quanto a ideologia organizacional da corporação influencia no processo socializador de formação da identidade policial (MORAIS; PAULA, 2008, p. 6). Neste caso os autores justificam a utilização da referida metodologia pela possibilidade de permitir uma análise mais

¹ Termo utilizado por Becker (2008) para se referir a profissões e carreiras consideradas desviantes, ou ainda, alternativas.

abrangente dos fatos vivenciados no passado, presente e futuro que acabam por revelar as percepções que os policiais possuem sobre sua profissão, possibilitando, deste modo, entender as representações sociais compartilhadas por estes profissionais. No estudo de Soares e Fischer (2010) a metodologia de História de Vida é utilizada para compreender como o a cultura do artesanato no Território do Sisal, localizado no Estado da Bahia, contribui para o fortalecimento da identidade local e conseqüentemente para o desenvolvimento da região. Para Soares e Fischer (2010) o uso da história de vida auxilia na compreensão de processos sociais e históricos de determinada comunidade, que neste caso concentra-se na compreensão da prática do artesanato que vem sendo cultivada no território do Sisal baiano de geração em geração.

As discussões sobre gênero partem das representações das mulheres no âmbito pessoal, familiar, profissional e social e que estão marcadas pela desigualdade de gênero. Desta forma, os estudos abordam o contexto da mulher em diferentes condições, como trabalhadora, como empreendedora, como ativista etc. também como forma de coloca-las como protagonistas de sua história. Com a história de vida de Maria José, uma mulher, branca, lésbica e trabalhadora, Silva, Silva e Oliveira (2013) trazem discussões sobre a desigualdade de gênero que foram emergindo de sua narrativa. A utilização do método de História de Vida apoia-se na natureza do fenômeno social em foco neste estudo, pois partiu-se da premissa de que a violência e a desigualdade de gênero estão imersas num contexto histórico, ou seja, de um passado e presente que reafirma a inferioridade feminina.

Os estudos sobre aprendizagem concentram-se na utilização da História de Vida para o entendimento dos processos de aprendizagem. O estudo de Closs e Antonello (2009) teve como objetivo compreender o quanto as transformações contemporâneas implicam na aprendizagem de gestores a partir da descrição e análise de trajetórias pessoais e profissionais de sete gestores. A História de Vida foi utilizada por possibilitar uma ampla investigação das diversas influências na aprendizagem dos gestores ao longo de sua vida, pois engloba os âmbitos individuais, sociais e o macro do contexto no qual estão inseridos.

Evidenciou-se que os estudos que tiveram como sujeitos gestores e executivos também acabavam abordando o tema carreira. Closs e Oliveira (2015), a partir de um estudo com sete gestores, apontaram as potencialidades da História de Vida para os estudos sobre carreira. Os autores chegaram a quatro contribuições da história de vida para o avanço dos estudos de carreira. A primeira contribuição é a possibilidade de uma perspectiva sócio histórica das narrativas dos gestores possibilitando o entendimento de potencialidades e barreiras impostas por determinado contexto vivido. O uso da história de vida também permitiu identificar marcos nas carreiras dos executivos que de certa forma influenciaram no seu rumo. A terceira contribuição foi a conclusão de que os valores cultivados no âmbito familiar e na cultura local direcionam as escolhas profissionais dos gestores. A quarta e última contribuição foi a identificação de uma cultura global nas decisões relacionadas a carreira tal como aprender um idioma ou então estar disponível para uma carreira no exterior como uma chance de desenvolvimento profissional. Duarte *et al.* (2010) utilizaram a história de vida para analisar o desenvolvimento da carreira de artesãos diplomados como mestres em cultura popular localizados no Estado do Ceará, diferentemente do estudo de Closs e Oliveira (2015), o estudo de Duarte *et al.* (2010) não tratou diretamente sobre as contribuições da história de vida para o estudo de carreira, focando mais nas peculiaridades, limites e potencialidades da carreira de um artesão, não levantando contribuições do método para o estudo de carreiras.

5 Considerações finais

Considerando-se apenas a expressividade quantitativa dos estudos que utilizam História de Vida, pode-se concluir que ainda há muito a ser construído. Contudo, não é preocupação central deste caminho metodológico, assim como dos Estudos Organizacionais, a centralidade de suas investigações no caráter número e funcionalista das pesquisas que se propõe. Se as pesquisas que se propõe a trabalharem com a História de Vida estão transformando a realidade em que se inserem e alterando o *status quo* elas já estão cumprindo seu objetivo, ainda que com tímida expressividade. Obviamente, se o uso e conhecimento da História de Vida puderem ser disseminados entre os pesquisadores que possuem também esta preocupação que vai além da miopia acadêmica, e está focada na mudança ao nosso redor, estaremos intensificando a transformação social que queremos ver no mundo.

Se a metodologia for considerada apenas “uma preocupação instrumental”, como aponta Demo (1985, p. 19), a História de Vida não poderia ser considerada método, mesmo que alguns pesquisadores possam se limitar a este olhar. Para os autores deste artigo, é uma forma de ver o mundo, as pesquisas e sua relação sujeito-e-objeto de pesquisa. Segundo Colomby (*em vias de publicação*), destaca que ao se optar pela História de Vida como caminho metodológico, entre outras opções de pesquisa qualitativa, esta se levando em consideração, consciente ou inconscientemente, na sua capacidade de compreender um fenômeno por múltiplas facetas e ser um meio de reflexão, intervenção e transformação social.

Conclui-se que ainda pouco se utiliza deste caminho metodológico e que confusões são feitas em trabalhos que fazem uso do método. Sugere-se a continuidade de estudos sobre o tema com o intuito de esclarecer e potencializar a História de Vida e suas possibilidades nas pesquisas relacionadas aos Estudos Organizacionais.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. D. G.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, A. V. Histórias de Vida e Trabalho Cultural: A construção do sujeito e a pertinência da memória. Cadernos CERU, série 2, v. 21, nº 2, 2010.

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M.(Org.). Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico]: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.

BECKER, H.S. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

COLOMBY, R. K. Antes e depois do diagnóstico: o trabalho na história de pessoas que vivem com HIV. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Em vias de publicação.

CLOSS, L.; ANTONELLO, C. Transformações Contemporâneas: Implicações em Processos de Aprendizagem Gerenciais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 33, 2009, São Paulo. Anais...São Paulo: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2009.

CLOSS, L; OLIVEIRA, S. História de Vida e Trajetórias profissionais: estudo com executivos brasileiros. Revista de Administração contemporânea, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4. P. 525-543, jul./ago. 2015.

DEMO, P. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 1985.

DUARTE, M; et al. Desenvolvimento de carreira na indústria criativa cearense: histórias de vida de mestres da cultura do artesanato. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 34, 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2010.

FEAGIN, J. R., ORUM, A. M., SJOBERG, G. A case for the case study. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HABERMAS, J. **A lógica das ciências sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

HATCH, J. A.; WISNIEWSKI, R. Life history and narrative: questions, issues and exemplary works. In: Life history and narrativa. London: RoutledgeFalmer, 1995.

MARRE, J. L. História de Vida e Método Biográfico. **Cadernos de sociologia**, Porto Alegre, v.3, nº 3, p. 89-141, jan/jul 1991.

MORAIS, L.; PAULA, A. P. P. Ideologia e Identidade Profissional: a Subjetividade e a Construção Social do Policial. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 5, 2008, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2008.

NEVES, L. A. **Ensaio Metodológico – memória e história**: potencialidades da história oral. Teresina: UFPI, 2001. Palestra proferida no I Encontro Estadual de História e III Encontro Nordeste de História Oral.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. Serviço Social em Revista, Universidade Estadual de Londrina, V. 2, N. 2, P.121-134, JUL./DEZ. 1999. Disponível em: <www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf> Acesso em: 24 fev. 2015.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. V. (Org.). Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

SILVA, I.; SILVA, K.; OLIVEIRA, M. Sou metade Maria, metade José: Recontando uma História de Vida à luz das Discussões de Gênero. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 37, 2013, Rio de Janeiro. Anais...Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2013.

SILVA, A. P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método história de vida. Mosaico: estudos em psicologia, v. 1, n. 1, 2007.

SOARES, F. V. Subjetividade, história de vida e formação docente: sentidos do ser professor. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará, 2010.

SOARES, R.; FISCHER, T. “Aqui Aprendeu da Mãe que Aprendeu da Mãe”: Memórias e Significados do Artesanato no Território do Sisal/Bahia. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 34, 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2010.

VERGARA, S. C. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. São Paulo: Editora Atlas, 1998.